



## **CORAGEM, DETERMINAÇÃO E SOLIDARIEDADE INTERNACIONALISTA DO MUNDO DO TRABALHO NA JORNADA EUROPEIA DE LUTA**

Como se previa, no dia 14 de Novembro foi notável a dimensão da adesão dos trabalhadores à luta, como foi notável a diversidade de formas de lutas e protesto, a que se juntaram manifestações de solidariedade com os sindicatos em luta, inclusive de países não-europeus. Foi também notável pela convergência de opiniões e consensos entre organizações sindicais com linhas de política sindical muito diferentes, sinal de reconhecimento de que a situação social na Europa é gravíssima e insustentável, a exigir unidade dos que vivem apenas do seu salário e estão contra a política chamada “de austeridade”. O dia fica, seguramente, como marco de referência nas lutas sindicais europeias.

Em Portugal a adesão à Greve Geral foi grande, uma das maiores de sempre, provando duas coisas: que a convocação pela CGTP-IN foi oportuna e correspondia à vontade dos trabalhadores ir à luta; e que muitos trabalhadores que até aqui passivos, por temor, começam a perder o medo das represálias e ganham coragem de dizer NÃO! às intimidações e chantagem do patronato e chefias mercenárias

A CPQTC esteve presente através da participação solidária de elementos da Direcção nacional em piquetes de greve.

Como prevíamos, este dia 14 de Novembro vai ficar como uma referência nas lutas sindicais europeias dada a dimensão da adesão dos trabalhadores a diversas formas de lutas e protesto reclamando contra a chamada “austeridade” decidida pelos governos contra quem vive apenas do seu salário e outras camadas populares, uma política que procura dar a ideia de que a crise económica actual tem origem nos salários dos trabalhadores e com as funções sociais do Estado. Bem sabemos, afinal, que a crise que afecta a economia europeia, sobretudo a dos países do sul, entre os quais Portugal, foi desencadeada pela crise financeira iniciada em 2007 nos EUA, ou seja, precisamente no núcleo duro do sistema capitalista, o sistema que querem que acreditemos ser o melhor para os povos de todo o mundo.

Na jornada europeia do dia 14 estiveram envolvidos milhões de trabalhadores, com greves, comícios e manifestações, reclamando contra a política dos governantes europeus, política que classificam de “austeridade”, procurando fazer passar a ideia de que a crise económica que afecta os povos europeus tem origem nos salários e nas despesas com as funções sociais do Estado.

Ainda que correndo o risco de pecar por deficiência é possível dizer que a jornada de 14 de Novembro na Europa foi, em resumo:

Greves Gerais: Em Portugal e Espanha (24 horas), o que constitui a 1ª Greve Geral em simultâneo na Península Ibérica, e greve geral em parte do dia em Itália e Grécia.

Manifestações e acções de solidariedade com os sindicatos em luta na Alemanha, Bélgica, França, Grécia, Holanda, Itália, Roménia, Reino Unido, Republica Checa, Eslovénia e Suíça.

Em Portugal, a Greve Geral, convocada pela CGTP-IN, teve uma expressão impressionante e é considerada como uma das maiores greves gerais de sempre. Foi particularmente sentida nos sectores onde os trabalhadores têm maior consciência de classe, principalmente aqueles trabalhadores que têm sido mais atingidos pela política de direita que o actual governo PSD-CDS levou a níveis nunca antes atingidos. Governo que procura instilar a ideia, nas cabeças dos portugueses menos esclarecidos, de que a culpa da “nossa” crise são as despesas com o Serviço Nacional de Saúde, com o Ensino Público e o sistema de Segurança Social, sistema a que compete o pagamento de subsídios fundamentais como o de desemprego, por baixa por doença, de enterro, pensões de reforma, de sobrevivência, por exemplo.

O portal da CGTP (*no Sítio da Greve Geral*) mostra resultados da Greve Geral em Portugal com bastante pormenor, dando para ver as percentagens elevadas que se registaram, em muitos casos de 100%. Traduzirá, seguramente, um bom trabalho dos sindicatos envolvidos. São 95 páginas de resultados, apenas aqueles com percentagem superiores a 55%, mas, obviamente houve também muitíssimos locais onde o número de grevistas foi francamente menor, como costuma acontecer nos serviços dos ministérios (Administração Central). De forma geral não é possível distinguir os grevistas da categoria “quadros técnicos” dos restantes; apenas há garantia no caso dos professores e enfermeiros, por sinal grupos profissionais onde as percentagens de grevistas alcançadas são altas, em muitos casos perto dos 100%, elucidativas do descontentamento que há nestes profissionais.

Como nota relevante destaque-se que a greve foi realmente “geral” sob todos os pontos de vista: teve expressão nacional (sentiu-se de norte a sul) e envolveu tanto os serviços da Administração Pública, quer centrais quer autarquias locais, como envolveu sectores e empresas privadas. No caso dos serviços da AP são relevantes as percentagens de adesão entre os trabalhadores das autarquias locais, que reflectem o bom trabalho do STAL e do STML, assim como os registados entre o pessoal não-docente de dezenas de escolas secundárias, abrangidos (ou não) pelos sindicatos dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais (do Norte, Centro, e do Sul e regiões Autónomas). Ainda em serviços da AP são também consideráveis os resultados entre o pessoal auxiliar e administrativo dos hospitais e outras unidades de saúde; pessoal dos tribunais judiciais; das finanças, das conservatórias de registo predial e do registo civil. Também com índices elevados de adesão estão o sector dos transportes, sobretudo no ferroviário, onde a paralisação de comboios e encerramento de estações foi quase total, mas também significativas nos rodoviários e urbanos; nos CTT; em muitas unidades dos ramos das indústrias metalúrgicas e metalomecânica (no distrito de

Braga foi considerável); em algumas unidades hoteleiras; unidades agrícolas e das indústrias de alimentação bebidas e tabacos; e em unidades de produção e distribuição de energia eléctrica, designadamente da EDP. De acordo com informações de sindicatos filados na FIEQUIMETAL em cerca de 200 empresas da indústria e da energia, a produção parou a níveis próximos dos 100%.

Um sector onde o número de quadros é relevante é o das representações diplomáticas de Portugal no estrangeiro, onde a adesão à greve foi significativa. Merecem destaque os 39 importantes consulados de Portugal onde a greve foi total (100%): Alemanha (consulados de Berlim, Dusseldorf, Estugarda e Hamburgo); Andorra (Andorra); Argentina (Buenos Aires); Belgica (Bruxelas); Brasil (Rio de Janeiro); Cabo Verde (Praia); Canadá (Montreal e Toronto); China (Macau); Espanha (Barcelona, Madrid e Sevilha); Estados Unidos da América (New Bedford; Providence e Washington); França (Marselha, Orleans, Paris, Rouen e Tours); Grécia (Atenas); Holanda (Haia); Indonésia (Jacarta); Italia (Roma); Luxemburgo (Luxemburgo); Marrocos (Rabat); Moçambique (Maputo); Reino Unido (Londres e Manchester); Rússia (Moscovo); Suíça (Berna, Lugano e Sion); Turquia (Ankara); Venezuela (Caracas e Valência).

Como é costume, certos comentadores e politólogos com acesso privilegiado à TV vieram dizer, mais uma vez, que a greve não foi geral porque não aderiram todas as centrais sindicais e que só afectou alguma administração pública e os transportes. Assim não foi, como não tem sido em greves gerais anteriores. De facto, ainda segundo a CGTP-IN, a adesão teve expressivos resultados em centenas de PME e em importantes empresas industriais, como: LISNAVE/Setúbal, ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO, ARSENAL DO ALFEITE/Setúbal, MINAS DA PANASQUEIRA/Castelo Branco, MULTIAUTO/Beja, FABRICA DO PAPEL DO PRADO/Tomar, COMPLEXO GRUNDIG (DELPHI, BOSCH E FEHST)/Braga, ALSTOM/Setúbal, RENAULT- AIS AUTOMOTIVE INTERIOR SYSTEMS PORTUGAL/Montemor-o-Novo, VISTEON PORTUGUESA/Palmela, RENAULT Cacia/Aveiro, ESTALEIROS DE TAVIRA, FSP/Braga, PREVINIL/Lisboa, OMNIOBRA/Loures, EDP/Setúbal, EDP(Piquete)/Laranjeiro, MANINDUSTRIA-CARVÃO/Sines, MAXIMAR, EXIDE (TUDOR)/Vila Franca Xira, AMARSUL/Palmela, JADO IBÉRIA/Braga, VALORSUL-CENTRAL TRATAMENTO RESÍDUOS SÓLIDOS/Loures, EDP (PIQUETE FIGUEIRINHA)/Setúbal, KEY PLASTICS PORTUGAL/Leiria, OLIMPUS/Coimbra, CAMO/Vila Nova de Gaia, EDP(PIQUETE DA AMADORA), LISNAVE (EMPREITEIROS)/Setúbal, EDP/Valença, BOSCH/Lisboa, GESTAMP/Évora, FUNFRAP-FUNDIÇÃO PORTUGUESA/Aveiro, TAP (MANUTENÇÃO), EDP/Sines, CPTe (Carvão)/Sines, SAKHTI PORTUGAL/Maia, EUROPAC/Leiria, FATELEVA-IND. ELEVADORES/Vila Franca de Xira, PARACELSA/Porto, IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA/Lisboa, CAETANO AUTO (oficinas)/Coimbra, UDIFAR/Lisboa, PARMALAT PORTUGAL/Palmela, HYDRO ALUMINIO PORTALEX/Sintra, EURORESINAS/Sines, COMPLEXO DE SINES (centenas de trabalhadores de empreiteiros que laboram para as empresas do complexo de Sines aderiram à Greve Geral), BROWNING/Viana Castelo, EDP-PALHAVÃ/Lisboa, EDP (PIQUETE LOURES) /Lisboa, LINDOSO/Braga, TANQUIPOR/Barreiro, FLEXIPOL/Aveiro, MAFIL/Braga, EUROPA CK/Sintra, REN ATLÂNTICO/Sines, EDP (piquetes Lisboa), LALLEMAND IBÉRIA/Lisboa, EDP/Chaves, EDP/Vila Real, CAETANOBUS (fabricação de carroçarias/Vila Nova Gaia), FUNDIÇÃO DO ROSSIO ABRANTES/Santarém, ALBRA IND. ALUMÍNIO/Braga, GESTAMP/Vendas Novas,

FIMA/Lisboa, BROWING/Viana Castelo, LIMPERSADO/Setúbal, SOCOMETAL/Vila Nova Gaia, SAINT-GOBAIN SEKURIT PORTUGAL/S. Iria Azóia, EUROPACK/Albarraque, CT COBERT TELHAS/Torres Vedras, SOCORI/S. Maria da Feira, AMORIM CORK COMPOSITS/Sta. M<sup>a</sup> da Feira, TRECAR, HUBER TRICOT ACRAL, CENTRALCER/Alverca, B.A.VIDROS/Marinha Grande, UDIFAR II, TEMPO-TEAM, PANIFICADORA APOPOL, Abrigada/Alenquer, ROBERT BOSCH, CENTRALCER, TÊXTILMINHO, TREKAR, GROZ BECKERT, ALÇADA E PEREIRA/Covilhã, CONTACT CENTER DA EDP-Seia, TESSIMAX/Covilhã, PAULO OLIVEIRA/Covilhã, CARVESTE/Belmonte, ROPRE, BENOLI, DANONE-CASTELO BRANCO, DENIFER, EMEF, RTS/Beja, HOSPIART/Bombarral, BOLLINGAUS/Marinha Grande, GRANDUPLA/Marinha Grande, RTS/Évora, MARMOZ/Évora, METALO-NICHO, AMORIM REVESTIMENTOS/Oleiros, Agros, E. CORREIA BRITO, ILMA, KRAFT, ACRAL, UNICER/Leça do Balio, CAVA, POSTEJO, PROVIMI/Ovar, etc, etc.

De registar também as muitas manifestações de solidariedade de sindicatos e forças sociais recebidas pela CGTP, vindas de: Alemanha – Sindicato Construção, Química e Energia; Angola – CGSILA; Austria – OGB; Brasil – UGT; Espanha – Confederação Intersindical e USO; Coreia-Korean Confederation of Trade Unions (KCTU); França – CGT, FO – União Departamental d’Ille-et-Vilaine, FO – União Departamental de Bouches du Rhône, FO – União Departamental de l’Aisne, FO – União Departamental des Hautes-Alpes, FO – Vaucluse, Solidaires; Grécia – PAME; Moçambique – OTM; Países Baixos – ELA e LAB; Palestina – GUPW; Paquistão – PLF; República Checa – CMKOS; Sérvia – USS; Suíça – UNIA; Turquia – DISK. E também das seguintes organizações sindicais internacionais: Comité Europeu de Trabalhadores da Volkswagen; Federação Sindical Mundial (FSM); FSM – EUROPA.

A CPQTC esteve presente na jornada de luta, através da participação de elementos da sua Direcção nacional, em piquetes de greve às portas do Metropolitano de Lisboa (Av. Sidónio Pais), do estaleiro da Câmara Municipal da Amadora, da Vimeca, das instalações da Câmara Municipal de Lisboa (Oficinas e Ed. do Campo Grande) e dos CTT (Cabo Ruivo).

Os resultados demonstram, insofismavelmente, a determinação de lutar, em defesa do Serviço Nacional de Saúde, do Ensino Público e do sistema de Segurança Social. São funções do Estado, explicitamente consagradas na Constituição da República Portuguesa nascida da Revolução de Abril, que os trabalhadores portugueses e, de forma geral, todos os democratas progressistas, consideram inalienáveis. As repetidas referências ao “Rendimento Social de Inserção” e ao “subsídio de desemprego” como sendo medidas que fomentam a mendicância, o parasitismo e fugas ao fisco, é bem característico de uma certa camada popular pouco esclarecida, que tem sido habilmente aproveitada pela direita para atirar a população contra os que estão a passar por condições de vida terríveis e insuportáveis, em muitos casos de profunda miséria.

A greve de 14 de Novembro em Portugal foi, de facto, uma “greve geral”, e, mais importante que isso, foi impressionante manifestação de duas coisas: que é crescente a coragem de dizer não aos repetidos ataques feitos aos direitos sociais, laborais e

sindicais, direitos tão duramente conquistados ao longo de dois séculos; e que é crescente a solidariedade entre os trabalhadores.

A Confederação saúda todos os quadros técnicos que tiveram coragem de aderir à Greve Geral, perdendo o salário do dia e, em muitos casos, correndo o risco de represálias. Merecem uma menção especial aqueles que fizeram greve pela primeira vez. Tem que crescer o número de quadros técnicos que não se resignem à situação que lhes foi criada pela política de direita e que ganhem consciência da sua posição no seio das forças do trabalho. Tem que crescer o número dos que reconhecem que a luta é de todos os assalariados, de todos os que vivem da venda da sua força de trabalho: operários, empregados e produtores intelectuais.

21 de Novembro de 2012

A CPQTC